

FERIDAS SOCIAIS EXPOSTAS NA LITERATURA: O DRAMA DE *CANIVETE*¹

Wounds social exposed in literature: the Knife drama

João Rodrigues Pinto

Graduação: Letras (UFES); Especialização: História do Brasil (UFES); Mestrado: Teatro (UNIRIO); Doutorando: Linguística e Língua Portuguesa (PUC-Minas).

Resumo

O propósito é construir uma reflexão acerca das feridas sociais exposta na literatura, a partir da obra *Canivete*, de João Rodrigues Pinto. O romance descreve os conflitos do menino *Tomás*: o pai é bandido, espanca a esposa, abusa sexualmente das filhas adolescentes e ensina o filho a entrar no mundo do crime. Os acontecimentos mudam o curso de sua história e seu destino é demarcado por situações dramáticas: perde a família, muda-se para a rua, convive com as drogas, torna-se bandido, é preso. No presídio conhece a Pastoral Carcerária e a dinâmica da ressocialização.

Palavras-chave: Canivete. Ressocialização. Pastoral Carcerária.

Abstract

The purpose is to build a reflection on the social wounds exposed in the literature, from the book *Knife* by João Rodrigues Pinto. The novel describes the *Tomás* Boy conflicts: the father is a criminal, beats his wife, sexually abuses of teenage daughters and teaches the child to enter the world of crime. The events change the course of its history and its destiny is marked by dramatic situations, losing family, he moved to the street, lives with drugs, it becomes villain, is arrested. In prison knows the Prison Ministry and the dynamics of rehabilitation.

Keywords: Army knife. Resocialization. Prison Ministry.

¹ João Rodrigues Pinto é Autor do livro *Canivete* e, neste artigo ele discute alguns aspectos da obra.

Introdução

A obra *Canivete* nasceu das minhas inquietações diante da violência que cresce e atinge a criança e seu universo familiar. Escrevi o drama do menino Tomás - apelidado de *Canivete* - em forma de teatro. O personagem tornou-se o centro das atenções, talvez porque não fica apenas no campo da ficção, mas serve para confirmar a realidade brasileira de meninos e meninas de rua. A história do personagem é a mesma de centenas de crianças que perdem a infância e passam a encarar a violência como algo “normal”, corriqueiro, inevitável. O grito de revolta de *Canivete* rompe essa normalidade e ainda ecoa em cada canto do país, muito embora o sistema continue indiferente, cego e surdo.

A primeira edição foi lançada no ano de 1991 e sua repercussão foi, de certo modo, conflituosa. Os leitores não se conformavam com a prisão do personagem; queriam um final diferente, com algum foco de esperança. Porém, a primeira versão representou a década perdida de 1980, período em que as questões sociais não recebiam as devidas respostas. Por isso o pessimismo, por isso o realismo. A narrativa - nua e crua - conseguia quebrar o poder de organização, rompia a dinâmica da coletividade, da re-construção do idealismo. O momento era aquele. O mundo era aquele. *Canivete* era aquele.

Para Bourdieu & Chartier (2001), quando o livro permanece e o mundo em torno dele muda, o livro muda, pois o universo dos leitores mudou. No momento da leitura, o leitor se constitui, se identifica, se recria, interagindo com o texto, com o autor e o com contexto em que se encontra. Quando o leitor entra em contato com um texto escrito, ocorre uma integração ativa de conhecimentos prévios e textuais que gera criações e recriações. Os universos do leitor, do texto e do autor estabelecem um diálogo. Por isso, as relações entre o escrito e o lido produzem sentidos plurais.

Sem qualquer pretensão de enfeitar a palavra, tentei seguir o sábio conselho de Graciliano Ramos: assim como as lavadeiras de Alagoas, comecei pela primeira “lavada”, ou seja, pensando e/ou propondo relações entre leitura e leitores. Para a segunda edição – revisada e ampliada – de *Canivete*, considerei também as águas teóricas de Certeau (1990, p. 251), segundo o qual “a leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos); ela pouco ou nada conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é a repetição do paraíso perdido”. Talvez possamos retirar daí, quem sabe, a certeza de que “novos leitores criam textos novos, cujas significações dependem diretamente de suas novas formas” (MCKENZIE, 1986, p. 20), ou que “as leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido de que desejariam ver-se atribuídos” (BOURDIEU & CHARTIER, 2001, p. 242).

Foi meditando as idas e vindas, as relações entre o escrito e o lido (e o vivido), que passados mais de 20 anos mantenho a certeza de que, infelizmente, o drama de *Canivete* continua vivo e se repete na história de

muitas crianças que continuam sendo espancadas pelos pais, abusadas sexualmente, levadas à prostituição, às drogas, ao crime... Muitos só estudam até as séries iniciais, se mudam para a rua e encontram as drogas e a morte.

A presente edição centra-se na perspectiva de mudança concreta sem o apelo da cultura da miserabilidade. O discurso de *Canivete* amadureceu e vai além das grades de qualquer prisão; continua amargo, mas seu tom não é individual; as perguntas não ficam em aberto ou no eco do fatalismo. A obra busca sentido existencial a partir da cultura da organização – que passa pela formação, ainda que seja no terreno das relações humano-religiosas dentro e fora do presídio, como o trabalho fraterno e realizador da Pastoral Carcerária.

Análise do corpus discursivo

A narrativa inicia com a descrição densa e dramática do estado febril de Tomás, emocionalmente transtornado pela proximidade da saída do presídio. Naqueles dias ele vive o delírio entremeado de pesadelo e muita angústia, fruto da expectativa que cerca todo e qualquer preso: sair da prisão e fazer o que da vida? Para onde ir? Como recomeçar a vida além das grades da prisão? O discurso do personagem recluso é intimista e repleto de emoção, sem deixar de lado o racionalismo que revela em diversos momentos as feridas da sociedade onde desfilam ricos e pobres, opressores e oprimidos, consentidos e rejeitados:

Talvez o Dego tivesse razão, a fase da contagem regressiva o deixava impaciente, nervoso, abatido: sentimentos contraditórios que o faziam perder o sono: sair da prisão e ir para onde? Fazer o que da vida? Não havia ninguém esperando por ele e isso o deixava deprimido e um tanto quanto inseguro. Quanto mais se aproximava a liberdade, mais crescia o medo de enfrentá-la. Como seria a vida sem as grades? (PINTO, J.R, 2011, p. 19).

Estudos da Pastoral Carcerária Nacional (CNBB, 2010), afirmam que no Brasil as prisões constituem um dos piores lugares em que o ser humano pode viver. Encontram-se notoriamente abarrotadas, sem as mínimas condições dignas de vida, e muito menos de aprendizado para o prisioneiro. Os presos se sentem desestimulados a se recuperarem, a se re-inserirem na vida em sociedade, e voltam a praticar mais e mais crimes graves. A inexistência de uma legislação adequada, e a lentidão dos procedimentos judiciais são as causas básicas da super lotação. Esse é um dos pontos que requer uma rápida solução.

A introdução do livro é uma proposta de reflexão, uma vez que destaca a busca do sentido da vida e a dinâmica do recomeço, alinhada pelos tons da ironia e da amargura de um jovem que nasceu num ambiente carregado de violência e que passou parte da vida avaliado pelos olhos de um sistema insensível e intolerante com a miséria dos sem vez e sem voz.

Quando criei o personagem, não tive a intenção de torná-lo porta-voz das centenas de crianças e jovens que vivem/viveram uma situação similar. Porém, fiz questão de humanizar os sonhos e projetos de jovens que não encontrando saídas concretas, apoio e amor, são obrigados a mudar os rumos, sepultar ideais e entregar-se ao mundo ácido da criminalidade, drogas, violência:

Gostava de pensar que tudo podia ser diferente. Seu pai não nasceu bandido, não era do mal, não herdou essa marca terrível. Mas um dia a sua história tomou um rumo diferente e ele nunca soube lidar com as diferenças. Ainda jovem perdeu os pais, teve que criar os irmãos e viu a cara da fome entrar e sair do seu casebre... Viu crescer dentro de si o orgulho que o cegava aos poucos, alimentando o ódio de uma situação que ele queria se ver livre, mas não sabia como. Para ele o mundo estava errado e o culpado era Deus. A ingenuidade e o individualismo não lhe possibilitaram entender que as estruturas sociais não são armações divinas, mas humanas. Não se dava conta que o sistema é bruto e produz as diferenças (PINTO, J.R, p. 62).

A obra é dividida em seis fases distintas: a primeira apresenta o personagem na atualidade, preso e prestes a deixar o presídio; a segunda descreve a infância, a partir do nascimento e as relações familiares.

- Você é um anjo meu filho, um anjo chamado Tomás! Agora preste atenção: seu pai quer te transformar num bandido chamado Canivete. Você não é Canivete. Não aceite ser Canivete (PINTO, J.R, p. 73).

A narrativa é rica em detalhes, mas a linguagem é simples, direta e marcada pela inocência. O menino Tomás é um verdadeiro apaixonado pela mãe, uma mulher sábia, porém impotente diante do esposo Sebastião, homem rude, violento e sem qualquer caráter:

- Ele não tem ciúme como todo pai. Ele tem ciúme de macho! A senhora sabe disso, Cida também. E um dia o Tomás vai saber! Mas em mim ele não trisca o dedo e nem na Cida. É por isso que ele tem raiva de mim, tem ciúme, tem desejo... – voltou a chorar (PINTO, J.R, p. 44).

A terceira parte descreve a maturidade precoce e o abandono de Tomás. Primeiro ocorre uma tragédia: cansado de ver a mãe apanhar do pai, o garoto toma a sua defesa e munido de uma trave de madeira que servia para escorar a janela, atinge o agressor na cabeça. A pancada é fatal, o pai morre no mesmo instante. Começa o conflito psicológico. Tomás comete seu primeiro crime:

O silêncio. Os soluços. O pavor. Seu pai estava desacordado no chão em meio ao arroz derramado, ainda cru. As mãos ainda seguravam a trava com força e o seu coração queria saltar fora. A realidade: o pai estava morto! (PINTO, J.R, p. 80).

Dias depois, outro episódio ampliou o sofrimento do garoto: três bandidos invadiram o barraco em busca de jóias roubadas que estavam em poder do pai de Tomás. Embora a família não soubesse de nada, os bandidos foram implacáveis e para concretizar a vingança, pouparam a vida de Tomás, porém, depois de uma série de abusos sexuais, mataram impiedosamente as irmãs e a mãe do garoto. Inicia-se um novo ciclo em sua vida: o abandono.

Com voz trêmula, carregado de emoção, ele proferiu o maior juramento da sua vida, reunindo todas as suas forças:

- Sim... eu vou viver, minha irmã! Só vou sossegar o dia que completar a minha vingança! Eu juro que ainda vou encontrar os três demônios e eles vão pagar por essa desgraça! Eu juro Cida... eu juro mamãe... eu juro Tela... (PINTO, J.R, p. 98).

A quarta parte destaca a trajetória de Tomás, vivendo agora como Canivete, no mundo da rua. Na rua ele se junta com dois garotos (Tecão e Dudu) e passa a conviver com as drogas e o roubo. O que move o personagem é o sentimento de vingança. A tragédia não lhe sai da mente, tornando-o um jovem revoltado, solitário e triste.

Conforme pesquisa de Rita de Cássia Marchi (2007), diversos estudos sobre a infância pobre no Brasil e, em especial, sobre crianças “de rua”, trazem implícita (e, às vezes, explicitamente) a ideia de que esta não é vista ou tratada socialmente como “criança” ou que sobre ela paira uma espécie de indeterminação ou dúvida ontológica: seria (ainda) uma “criança”? Teria ela uma “infância”?

Segundo essa autora, a expressão “criança sem infância” foi lançada no Brasil por José de Souza Martins no início dos anos 90, mas os estudos de Lovisolo (1987); Vianna (1999); Gregori (2000), entre outros, se referem à perplexidade causada pela presença de uma criança “fora de lugar” na cena urbana, ou seja, a perplexidade de adultos diante de cenas protagonizadas por crianças sobre cuja identidade infantil paira dúvidas: são adultos ou crianças? Agressores ou vítimas?

As conclusões da etnografia sobre crianças “de rua” de Marchi (1994) podem ser assim resumidas:

i) Para a autora, o que distingue fundamentalmente as crianças “de rua” de outras (as pedintes e as trabalhadoras) é a distância que mantêm da família e, assim, da escola e do trabalho (isto possibilita uma maior “liberdade” na disposição

de seu tempo e corpo, que acaba por acarretar envolvimento em determinadas transgressões - como drogas e furtos -, acarretando envolvimento com a polícia e uma maior carga de estigmatização e rejeição por parte da população):

Depois que eles começaram a usar o crack, não queriam saber de mais nada. Estavam magros, dormiam mal e tinham alucinações. Quando ficavam sem a droga, tornavam-se violentos, sem paciência, não queriam saber de conselhos. A comida ficava em terceiro plano. Estavam magros e maltrapilhos. Às vezes eles desapareciam, voltavam dias depois, sujos, desfigurados e sem vontade de conversar... De certo modo Tomás se sentia culpado, pois mesmo morando na rua, estava numa situação mais confortável, procurava se cuidar e sempre resistiu às drogas. Só não conseguia largar o cigarro. No seu coração uma certeza que não se apagava: os amigos estavam dizendo adeus aos poucos... (PINTO, J.R, p. 115).

ii) estas crianças estão em permanente “circulação”, alternando a estadia nas ruas com curtas estadias em casa de parentes e instituições de atendimento; [...] a situação não é somente fruto da pobreza e de conflitos familiares, mas também do que elas próprias (e seus parentes) classificam de “vício da rua”;

Os dias foram passando e eles continuavam naquele calvário. No início parecia que eles tinham o “controle” total da situação, mas aos poucos eu vi que não era assim. Lembro-me bem das primeiras investidas e do modo como foram se aperfeiçoando (PINTO, J.R, p. 115).

iii) apesar das características que têm em comum (idade, pobreza, marginalização social), não formam um grupo social homogêneo (neste sentido, a sua “descrição” é sempre problemática).

Tudo corria bem, até que um dia o pior aconteceu: Dudu e Tecão foram presos e levados ao juizado. Nunca mais Tomás ouviu falar deles. Procurou não pensar no pior, embora no fundo, soubesse que certamente eles estavam mortos. Estava sozinho outra vez. A solidão era sua fiel amante, mas ele estava tão habituado ao sofrimento, que aprendeu a suportar os atropelos da vida (PINTO, J.R., p. 116).

A quinta fase apresenta o personagem adulto. Tomás cresce amargurado e cada vez mais envolvido com a bandidagem e a prostituição. Passa a dividir a casa e o coração com a jovem Bete, uma prostituta que aos poucos o ajuda a ser menos impulsivo. Um dia ele descobre o paradeiro dos bandidos que chacinaram a sua

família e a sede de vingança reaparece com intensidade. Aos poucos ele consegue realizar seu intento: matar a sangue frio os três assassinos. Realiza um desejo, mas o saldo que fica tem o gosto amargo da derrota, da insignificância: é o homem questionando o sentido mesmo da vida:

Tomás dedicou-se ao crime de corpo e alma por uma vingança concreta... E quando ela se concretizou, de fato, ele sentiu um imenso vazio na alma, como se nada mais tivesse importância, nem mesmo a vontade de viver. Entendeu tarde demais que a vingança não tem o poder de trazer de volta aqueles que já se foram, nem alivia a dor que sentimos. Então, por que a vingança? (PINTO, J.R., p. 155).

A sexta fase descreve a vida na prisão e, mais especificamente, a ação da pastoral carcerária na vida dos presos e o impacto que esse trabalho provoca na vida e nos projetos de Tomás. A princípio Tomás vive um período de reclusão, mas no lugar do sentimento de vingança, outro elemento forte o persegue: a amargura. Torna-se um homem amargo, solitário, silencioso e triste, sem qualquer foco de esperança. Sabe que lá fora não há ninguém o esperando, um dilema que o conduz ao pessimismo e à vontade de deixar de viver. A morte é uma presença forte, poderosa que vive a sondá-lo, deixando-o preso ao fatalismo: viver para que?

Ao mesmo tempo, sente que as janelas da sua alma começam a se abrir e com o apoio da pastoral carcerária, percebe que nem tudo está perdido, ainda é tempo de recomeçar. A sua história não se acabou simplesmente. A entrada da Pastoral Carcerária em sua vida abriu-lhe novos horizontes, quebrou a resistência e o individualismo, despertou a consciência de luta, de classe, de organização. Tomás precisa sobrepor Canivete, um duelo interior que só se rompe mediante o apoio significativo do jovem padre Thiago, orientador espiritual da equipe pastoral carcerária. Os dois acabam descobrindo pontos em comum marcados pela história de vida de ambos. Histórias que se entrecruzam desde a infância e que se ressignificam na luta em defesa da ressocialização.

Mas havia trabalhos interessantes, um deles era desenvolvido pela Paróquia Nossa Senhora das Dores, localizada na periferia. Era um grupo de cinco pessoas, entre elas o padre Thiago, uma pessoa admirável que se tornou popular na prisão. Era novo, deveria ter a sua idade. Falava de um jeito cativante que prendia a nossa atenção. Aos poucos ele foi conseguindo adeptos, tinha seguidores por toda parte. Seu carisma conseguia nos emocionar e se via que não era algo apelativo. Falava de um Jesus vivo bem próximo de nós, propenso a nos abrir os braços e a compartilhar as dores. (PINTO, J.R, p. 167).

De acordo com José Zanella (2007), a prisão é um ambiente que deprime, angustia e embrutece a humanidade do ser humano. Nesse local está aquele que



não interessa ao capitalismo neo-liberal. E a prova disso está na falta de investimento Estatal na educação formal, profissional e humana.

Para Hofmeister (2002) a prisão não é uma miniatura da sociedade livre, mas uma instituição de contornos próprios, com normas e estilo de vida peculiares. O preso não sai de lá ressocializado e sim prisionizado, isto é, portador de uma cultura prisional específica ali adquirida e que passa a incorporar o seu modo de ser. A ressocialização parte do pressuposto de que é pertinente repor as coisas em seu devido lugar.

Volpi (apud HOFMEISTER, 2002, p. 181), em pesquisa realizada sobre a privação de liberdade na percepção do adolescente, afirma que as categorias que expressam as estratégias assumidas são exteriorizadas por expressões com o prefixo “re”, objetivando assentar a idéia de retorno a uma situação anterior caracterizada pela normalidade. Assim fala-se em ressocialização, reeducação, recomposição dos vínculos familiares, recolocação familiar, reestruturação da família e outros sinônimos que transmitem a ideia de voltar a ser. Estes vocábulos refletem uma concepção funcional, de acordo com a qual a sociedade é um todo harmônico. O equilíbrio deste conjunto se sustenta pelo cumprimento dos papéis e expectativas que lhe são atribuídos pela cultura, pela religião e pelos aparelhos ideológicos do Estado.

A socialização, segundo Rocher (apud HOFMEISTER, 2002, p. 182), é o processo em que a pessoa “aprende e interioriza os elementos sócio-culturais do seu meio, integrando-os na estrutura de sua personalidade sob a influência de experiências de agentes sociais significativos, e adaptando-se assim ao ambiente social em que deve viver”.

O medo de Tomás é o medo de centenas de presos que vivem o dilema da saída da prisão para uma “liberdade” sem o verdadeiro sentido que lhe é atribuído. Para o ex-detento (sobretudo aquele de origem humilde), a tarefa é penosamente longa: provar a todo o momento que está recuperado, que pretende trabalhar honestamente, adquirir a cidadania para, finalmente, ter a chamada “vida normal”.

Na prisão o medo do recomeço era o fantasma que sempre os rondava. Alguns entravam em depressão e se matavam alguns dias após a saída. Outros ficavam loucos e muitos voltavam à vida do crime. A saudade do tempo de reclusão era um sentimento contraditório, mas explicável: a prisão e todas as suas adversidades era o nosso lugar. Todo mundo se conhecia, os assuntos eram os mesmos, o medo, a revolta e até o sofrimento eram coletivos. (PINTO, J.R, p. 168)

O indivíduo privado da sua liberdade em razão de haver cometido um crime, perde o seu lugar no mundo. “Perde o seu lar, a sua família e os amigos (se os tinha). Perde as relações sociais e familiares. Perde o lugar que tinha. Torna-se



assim um ser sem espaço no mundo, portanto um ser supérfluo. Vê-se desligado do seu passado e não tem perspectiva de futuro” (HOFMEISTER, 2002, p. 175).

Da ficção à realidade: a ação da pastoral carcerária

Segundo a CNBB (2010), a Pastoral Carcerária nasceu com o próprio Jesus Cristo. Ele mandou que os cristãos visitassem os presos e Ele mesmo foi um preso. Depois dele, os apóstolos também foram presos, recebiam visitas e se correspondiam por cartas com os demais cristãos. Essa solidariedade dos cristãos com os presos, que hoje chamamos de Pastoral Carcerária, nasceu com o próprio cristianismo e cresceu espontaneamente, pois onde existisse uma prisão, havia voluntários visitando os encarcerados.

No entanto, somente na Idade Média, a partir dos séculos XI e XII, nasceram grupos organizados para visitar e resgatar as pessoas encarceradas. Com a expansão do número de cárceres, principalmente, após ascensão da prisão como principal forma de punição, a Pastoral Carcerária cresceu, uma vez que ela sempre se compôs de cristãos que se organizam e voluntarizam para o atendimento às pessoas privadas de liberdade.

No Brasil, a Pastoral Carcerária como serviço organizado da CNBB deu passos decisivos a partir de 1986, quando se realizou a primeira reunião nacional de que se tem notícia. A partir de 1988 a coordenação nacional foi criada e foram realizados contatos com organizações nacionais e internacionais. A organização ganha força e passa a canalizar seus esforços para a contestação do sistema penitenciário e das violações dos direitos de presas e presas (PASTORAL CARCERÁRIA NACIONAL, 2010).

O massacre do Carandiru em 1992, por exemplo, abriu as veias do sistema penitenciário. Segundo o padre Valdir João Silveira (2010), a Pastoral Carcerária que já vinha apontando as frequentes brutalidades do sistema foi uma importante fonte de informação para aqueles que desconfiavam dos dados oficiais. Com o lema: “Cristo Liberta de todas as Prisões”, a Campanha da Fraternidade sobre os presos de 1997 representou um marco na vida da Pastoral Carcerária, pois a partir daí houve extraordinária expansão da Pastoral Carcerária por todo o Brasil.

Para Silveira foi a política de segurança pública repressiva e retributiva que levou a Pastoral Carcerária a propor como tema da Campanha da Fraternidade de 2009 a segurança pública com o intuito de trazer os cristãos e a sociedade em geral a assumir juntos o compromisso com a paz.

Nos últimos anos, segundo Pereira (2010), com o aumento da criminalidade, as drogas e o narcotráfico, as dificuldades e os desafios têm-se multiplicado. Os cárceres atuais já estão incapacitados de receber tantos detentos.

Há espancamentos, que são ilegais, mas acontecem. Há normas de segurança, que dificultam o acesso aos presos. Há necessidade de cuidar das famílias dos presos como complementação à visita aos próprios presos... Daí a necessidade de divulgar e encorajar esse trabalho, esse verdadeiro ministério. E as paróquias mais próximas aos presídios não podem ficar alheias, mas inserir a Pastoral Carcerária em sua Pastoral de Conjunto. (PEREIRA, N.B, 2010)

Segundo Barros da Silva (2005) a população carcerária é oriunda, na sua maioria, de um universo incontestável de exclusão social. Pessoas segregadas e afastadas temporariamente do convívio social e talvez por isto, esquecidos da maioria das falas, estudos e pesquisas feitas neste país. O apenado acaba retornando para a mesma sociedade que o aprisionou, cabendo aqui os questionamentos: quais as oportunidades ou possibilidades oferecidas pelo Sistema Prisional para que o apenado possa realmente (re)inserir-se socialmente? Como se dá a responsabilidade do Estado e da Sociedade Civil neste processo? Sem dúvida que, não recebendo assistência para a mudança da situação social vivenciada antes da pena, ele retornará para a sociedade em piores condições. Deduz-se, portanto, ser urgente lançar-se mão de políticas factíveis, sérias e compromissadas, pois o retorno dos mesmos para o lugar de onde vieram, isto é, da sociedade, em melhores condições ou com alguma possibilidade de inserção social, é fator de direito e contributivo para a construção de sociedades mais equilibradas e justas e certamente com menores índices de criminalidade e violência.

De acordo com Frei Betto (apud KOTSCHO, 2003, p.41) o sistema penitenciário, tal como ele existe na sociedade capitalista, principalmente aqui no Brasil, é extremamente cruel, não só porque confina fisicamente o homem, sem que esse homem possa compreender o problema da liberdade, senão em relação à sua locomoção física, mas ele destrói a subjetividade do homem, no sentido de não lhe oferecer nenhuma possibilidade de racionalização da situação em que se encontra.

Conclusão

Tomás reencontra seu caminho, busca reconstruir sua vida e reúne pedaços de sonhos que se espalharam na sua caminhada. Assim como ele, também existem presos que conseguem retomar a vida, embora com dificuldades. Existem grupos religiosos ou não que desenvolvem trabalhos sociais dentro e fora das prisões, como a Pastoral Carcerária. São grupos pouco reconhecidos, pouco divulgados, estigmatizados e até desprezados pela natureza da ação que desenvolvem, mas, sobretudo, porque atuam em defesa de um grupo historicamente desprezado: homens e mulheres que lotam as prisões desse nosso país.

O livro relata o drama da infância abandonada e as injustiças sociais ligados aos desequilíbrios econômicos, mas não se perde no fatalismo ou num drama que revolta o leitor, mas não oferece qualquer possibilidade de ruptura. Em Canivete, o inconformismo da realidade é um alimento para a busca de possíveis soluções:



Estava coberto de razão o poeta que costumava dizer que “a ternura é a essência do amor”. Na história de Tomás a ternura está presente, tem lugar de destaque, mesmo nos momentos em que ele se achava o pior dos seres humanos, o perdedor, o fracassado, o isolado; ela entrava de modo sutil, como aranhas que tecem as teias do destino; como a ternura da morte que se aproxima, mas não chega, não é tempo; como as guloseimas que a Bete enviava sem pedir nada em troca; como as visitas de dona Belarmina, uma senhora que não deixou de cuidar da sua vida, de modo carinhoso, maternal, como só uma mãe sabe zelar; como o seu amigo, o padre Thiago que ainda na infância o ajudou a descobrir o significado da ternura; como a presença forte, consoladora e fiel de Jesus, tornando-o uma pessoa melhor, mais centrada na vida, na fé e na esperança de que a sua história pede novos capítulos (PINTO, J.R., p. 180).

A história desta obra relata, a vida de muitas crianças, jovens e adultos marginalizados e esquecidos pela sociedade de ontem, de hoje e, quem sabe, de amanhã. O livro explora a violência produzida pelo sistema e que contamina a classe oprimida, tornando-a refém de uma situação que cresce, se agiganta e a torna culpada. O romance forja a reflexão sobre as crianças abandonadas, entregues às ruas, submetidas ao crime, tortura, castigo, humilhação.

Hoje, a violência urbana tem uma estreita relação com o tráfico de drogas, enquanto a luta de Tomás perpassa o sentimento de inconformismo e a busca de respostas para seus dilemas. Mas, as raízes do problema são os mesmos: a ausência da família e da escola, agravada pela vida degradante nas favelas e cortiços de tantas cidades.

De acordo com Elisângela de Almeida Carlos e Marineide Mendes Ferreira (2009), a questão do menor abandonado não pode ser vista de forma isolada. Não se pode tratar o problema do menor que vive nas ruas por si só, mas em um contexto que envolve a evolução do sistema desde sua origem. O menor existe porque existe o subemprego, o desemprego, o estigma, a falta de produção, o desinvestimento, a inflação, alta taxa de juros, enfim, a patologia socioeconômica. E, qual a terapia? No mundo atual é difícil, mas não é impossível. Primeiro tem-se que propor alternativas para minimizar o preconceito de uma sociedade desconscientizada de seus direitos e obrigações. Segundo, conscientizar as classes de como viver bem, sem segregação, ou como diria o padre o padre Thiago, viver coletivamente a reintegração, a ressignificação, a transfiguração:

[...] Tomás, tudo que eu faço por você, faço por mim. Digo o que eu gostaria de ouvir, dou aquilo que gostaria de receber... Busco minha paz na paz do meu irmão que sofre e isso não é para me promover, não sou nenhum santo, não espero nenhum prêmio. Sou uma pessoa que acredita que qualquer ser humano tem direito ao perdão e pode recomeçar. Como a fênix, nos transformamos em cinzas para, em seguida nos reintegrarmos, nos ressignificarmos... Eis aí a nossa transfiguração. (PINTO, J.R., p. 202)

Referências

- BOURDIEU, Pierre & CHARTIER, Roger. **A leitura: uma prática cultural**. In: CHARTIER, R. (Org.). *Práticas da Leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BARROS DA SILVA, Jorge Alberto e INOCÊNCIO, Zenira dos Santos. **Educação e trabalho nos Espaços Prisionais: a Educação como Possibilidade de Inserção no Mercado de Trabalho**. Universidade de Brasília, 2005.
- BARROS, Ângelo Roncalli de Ramos. **Educação e Trabalho – Instrumentos de Ressocialização e Reinserção Social**. Brasília, 2007.
- BRASIL. **Pastoral Carcerária Nacional**. Brasília: CNBB - www.carceraria.org.br
- CAMPESTRINI, Bernadette Beber e Barth, Elaine Maria Luz. **A Prisão como Instrumento da Pena e de Reabilitação**. I Fórum Internacional de Ações Socioeducativas nas Prisões (p.131 – 142). Florianópolis: Agbus, 2003.
- CARLOS, Elisângela de Almeida e FERREIRA, Marineide Mendes. **Leitura plural de “Capitães da Areia” de Jorge Amado**. Monografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Jequié: UESB, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **Ler: uma operação de caça**. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações. Memória e sociedade**. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. **A ordem dos livros**. Brasília: Editora UnB, 1994.
- _____. **As práticas da escrita**. In: CHARTIER, Roger. *História da vida privada: da renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- COELHO, Daniel Vasconcelos. **A Crise no Sistema Penitenciário Brasileiro**. In: “A priori”, INTERNET. Disponível em. Acesso em 12 de outubro de 2007.
- DIAS, Tânia Maria e ali. **Projeto de Ressocialização: educação: processo de humanização**. Presídio Regional de Tijuca, 1999/2000.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 28.ed. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HOFMEISTER, Carlos Freire. **A pena Privativa de Liberdade e a Inclusão Social do Preso na Perspectiva dos Direitos Humanos**. Florianópolis, UFSC, 2002.
- KOTSCHO, Roberto. Paulo Freire, Frei Betto: **Essa Escola Chamada Vida**. 14.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- MARCHI, Rita de Cássia. **A infância não reconhecida: as crianças “de rua” como atores sociais**. In: Anais do II Seminário Nacional - Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais – NPMS, 2007.
- MONTENEGRO, Tito. **O drama de ex-detentos que buscam trabalho mas só encontram preconceito**. Revista Época, Rio de Janeiro, 19 de agosto, 2002.
- MCKENZIE, D. F. **Bibliography and the sociology of texts**. London, The British Library, 1986.



NOGUEIRA, Paulo Lúcio. **Comentários à lei de Execução Penal: Lei n.7210, de 11.07.1984.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

OLIVEIRA, O. M. **Prisão: um paradoxo social.** Santa Catarina: Universidade de Santa Catarina, 1996. 20. RIOS, RS. Ponto de Partida: prisão e trabalho. Curitiba: Editora Universitária, 1994.

PAIVA, Vanildo. **Família e Igreja: Reconciliáveis?** São Paulo, Ed. Paulus, 2003.

PEREIRA, N.B. **Pastoral Carcerária Estadual.** Brasília: CNBB, 2010.

PINTO, J.R. **Canivete.** 2. ed. rev. e amp. Salvador: Editora Gráfica da Bahia, 2011.

SILVEIRA, V.J. **Pastoral Carcerária Nacional.** Brasília: CNBB, 2010

ZANELLA, José Avelino. **Curso de Formação em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial.** São Paulo, 2007. www.psicooexistencial.com.br.